

Santa Teresa do Menino Jesus

História de uma Alma

Manuscritos Autobiográficos

16.^a Edição



EDITORIAL AO

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal n.º

558366/25

ISBN

978-972-39-1033-9

16.ª Edição

Janeiro de 2026

Com todas as licenças necessárias



SECRETARIADO NACIONAL

DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA / Tel.: 253 689 443
www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria / livros@rmop.pt

INTRODUÇÃO

O que o leitor encontra nesta obra é, fundamentalmente, a *História de uma Alma* de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, na sua versão completa, que é conhecida como os *Manuscritos Autobiográficos*. Trata-se, pois, do texto autobiográfico tal como a Carmelita de Lisieux o escreveu, sem as correções que posteriormente viria a conhecer e a que adiante faremos referência.

Ao começar a escrever a sua autobiografia, Teresa do Menino Jesus não tinha qualquer ideia de que pudesse vir a ser publicada. Redigiu-a à pressa, e por vezes em estado de grande fadiga, em três momentos diferentes, utilizando os escassos tempos livres de que dispunha, por ordem das superiores do Carmelo. Ao escrever o terceiro manuscrito, já sabia, sem sombra de dúvida, que se serviriam dele para a sua circular necrológica. Mas o cansaço atingia então o paroxismo, além de se ver constantemente interrompida no decurso da redação por esta ou aquela Irmã.

Tinha consciência de se exprimir mal e confessar-o frequentemente ao longo da exposição.

No entanto, durante os últimos meses da sua vida terrena, Teresa, a quem haviam dado a entender que os seus escritos seriam publicados, na to-

talidade ou em parte, foi iluminada do alto sobre a importância de tal publicação. Um depoimento da Reverenda Madre Inês de Jesus no Processo do Ordinário constitui uma espécie de síntese das últimas preocupações da Santa a este respeito:

«Já no leito de morte, considerava de grande importância esta publicação e via nela um meio de apostolado. Disse-me um dia com toda a segurança: Será preciso publicar o manuscrito sem qualquer demora depois da minha morte. Se retardais, se cometeis a imprudência de falar dele a qualquer outra pessoa que não seja a nossa Madre, o demónio vos armará inúmeros laços para impedir esta publicação, apesar de tudo, tão importante. Mas se fizerdes tudo o que está em vosso poder para não a deixar entrar, nada temais de todas as dificuldades que possais encontrar. Para a minha missão, como para a de Joana d’Arc, a vontade de Deus há de realizar-se, apesar da oposição dos homens»¹.

Ao encarregar da publicação dos Manuscritos aquela que era «duas vezes sua Mãe», Teresa, consciente da própria imperfeição, pediu-lhe que os retocasse antes de os apresentar ao público:

«Minha Madre, tudo o que vos parecer melhor cortar ou acrescentar no caderno da minha vida,

¹ Processo Apostólico, Exemplar de Bayeux, Tomo I, fól. 296 v.º e 297 r.º

sou eu quem o corta ou acrescenta. Lembrai-vos disto mais tarde, e não tenhais nenhum escrúpulo a esse respeito»².

A Madre Inês de Jesus julgou corresponder ao desejo de Teresa corrigindo estas páginas do mesmo modo como corrigia, outrora nos Buissonnets, as composições hesitantes de Teresinha, de quem era ao mesmo tempo «mãezinha» e professora. Praticamente refundiu a autobiografia, a fim de a apresentar sob uma forma clássica que pudesse agradar ao público da época.

Por seu lado, a Madre Maria de Gonzaga exigiu «certos retoques de pormenor... a fim de que, para mais unidade, todo o conjunto parecesse ter-lhe sido dirigido só a ela»³.

Também o P. Godofredo Madelaine, que se encarregou de preparar a cópia dos manuscritos para a imprensa e que a apresentou a Mons. Hugonin, Bispo de Bayeux, para obter o *imprimatur*, procedeu à revisão do texto entregue pela Madre Inês de Jesus, introduzindo algumas correções de forma. Disso dá ele próprio testemunho no processo⁴.

Sem dúvida, todas estas modificações não impediram as almas de se aproximarem de Teresa,

² Processo Informativo do Ordinário, Bayeux, tomo I, fól. 166 v.º

³ Processo Informativo do Ordinário, Bayeux, tomo I, fól. 171 v.º

⁴ Processo Informativo do Ordinário, Bayeux, tomo III, fól. 1068 v.º

de maneira autêntica, nem de se compenetrarem da sua doutrina. Mas no plano do conhecimento científico e da história, é claro que só o texto original é o único válido. Tendo Teresa sido canonizada, mais fortes eram as razões a impor a publicação integral dos manuscritos, publicação que os Superiores eclesiásticos do Carmelo de Lisieux e a própria Santa Sé quiseram e promoveram. Também a Madre Inês de Jesus, espontaneamente, decidira o mesmo em 1950, dando mandato de a levar a cabo à Irmã Genoveva da Santa Face, última sobrevivente da família Martin:

«Era a 2 de novembro de 1950, precisa esta última. Falei à nossa veneranda “Mãezinha” da edição integral do manuscrito. Disse-me: “Encarrego-vos de a executardes em meu nome, depois da minha morte”».

É esse texto integral dos *Manuscritos* que o leitor tem agora entre mãos.

O leitor atento encontrará na presente edição de *História de uma Alma – Manuscritos Autobiográficos* bastantes diferenças face à edição que a antecedeu – *História de uma Alma*. Tais diferenças justificam-se pelo desejo de colocar ao dispor dos leitores um texto tão fiel quanto possível aos manuscritos originais da Doutora de Lisieux⁵, tal

⁵ São três manuscritos desiguais em extensão, dirigidos a pessoas diferentes e cada qual com o seu caráter próprio.

Por ordem cronológica, teremos:

como foram publicados na edição crítica francesa dos *Manuscritos Autobiográficos*⁶.

No que diz respeito à ordem de apresentação dos três manuscritos, também esta foi alterada, relativamente à edição tradicional de *História de uma Alma*. Tinha de o ser, se se queria respeitar a cronologia. De facto, a *História de uma Alma* colocara as considerações sobre a vida religiosa, dedicadas à Madre Maria de Gonzaga (caps. IX e X), imediatamente depois do manuscrito para

– Recordações da infância, intituladas: *História primaveril duma florzinha branca escrita por ela mesma e dedicada à Reverenda Madre Inês de Jesus*. Este manuscrito foi composto por Teresa entre princípios de janeiro de 1895 e 20 de janeiro de 1896 para a sua irmã Paulina, que era então Priora do Carmelo de Lisieux e lho tinha pedido.

– Uma carta íntima dirigida pela Santa à Irmã Maria do Sagrado Coração, a irmã mais velha e sua madrinha, também carmelita em Lisieux (carta escrita entre 13 e 16 de setembro de 1896).

– Uma série de recordações de infância onde Teresa fala da sua vida religiosa e discorre sobre as exigências do «Mandamento Novo» do Amor trazido pelo Senhor. Este manuscrito foi redigido durante o mês de junho de 1897 para a Reverenda Madre Maria de Gonzaga, pela segunda vez Priora do Carmelo de Lisieux.

⁶ «Manuscrits Autobiographiques de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus», Office Central de Lisieux, abril de 1956. Três volumes impressos, formato: 22,5x17,5 cm. Tomo I: *Introduction*; tomo II: *Notes et Tables*; tomo III: *Table des Citations*; e, numa bolsa de cartolina, os três *Manuscrits* reproduzidos em *fac-símile* juntamente com algumas *Pièces jointes*.

a Madre Inês de Jesus. A carta à Irmã Maria do Sagrado Coração (cap. XI) ficava assim relegada para o fim do volume. O que não era sem razão, pois o caderno escrito para a Madre Maria de Gonzaga apresenta-se como sequência do primeiro manuscrito, enquanto que a carta à Irmã Maria do Sagrado Coração é de inspiração absolutamente diversa. Pareceu contudo preferível dispor aqui os textos segundo a ordem cronológica da sua composição.

No entanto, e para melhor orientação do leitor, conservamos a divisão em capítulos própria das edições anteriores da *História de uma Alma*, além de termos assinalado um «Prólogo», que corresponde à divisão natural do texto, no que diz respeito ao primeiro manuscrito, no qual, após um curto prólogo, Teresa distingue três períodos na sua infância, até à entrada para o Carmelo.

Do mesmo modo, conservámos também, em «Apêndice», o tradicional capítulo XII das edições anteriores da *História de uma Alma*, elaborado pelo Carmelo de Lisieux, no qual se apresentam alguns testemunhos sobre a vida de Santa Teresa do Menino Jesus e se narram os últimos dias da sua vida terrena.

Porque a edição francesa dos *Manuscritos* não é acessível a toda a gente, esforçámo-nos por respeitar, tanto quanto possível numa tradução, as características da edição francesa: utilizámos itálicos em abundância, palavras ou frases em

maiúsculas, de modo a assinalar os sublinhados de Teresa; fomos fiéis ao texto também no modo de pontuar, particularmente no que diz respeito à utilização dos pontos de exclamação, que Teresa usa amiúde. No entanto, e tendo em conta a impossibilidade prática de uma fidelidade absoluta, optámos por introduzir algumas correções, quer nas abreviaturas, quer na pontuação, quer no uso das maiúsculas, bem como na divisão de alguns parágrafos, de modo a tornar mais fácil a tarefa do leitor.

**MANUSCRITO DEDICADO
À MADRE INÊS DE JESUS**

Manuscrito «A»

PRÓLOGO

J. M. J. T. Janeiro de 1895

Jesus †

HISTÓRIA PRIMAVERIL
DUMA FLORZINHA BRANCA
ESCRITA POR ELA MESMA E DEDICADA
À REVERENDA MADRE INÊS DE JESUS

É a vós, minha querida Madre, a vós que sois duas vezes minha Mãe, que venho confiar a história da minha alma¹... No dia em que me pedistes para o fazer, parecia-me que isso dissiparia o meu coração ocupando-o de si mesmo, mas depois Jesus fez-me sentir que obedecendo com simplicidade eu Lhe seria agradável; aliás, não vou fazer outra coisa senão: Começar a cantar o que

¹ Santa Teresa do Menino Jesus dirigiu a narração da sua vida à irmã Paulina, segunda filha do Sr. Martin, em religião Madre Inês de Jesus, Priora do Carmelo de Lisieux. Na altura em que escreve, Teresa encontra-se sob a autoridade daquela que já tinha escolhido como «Mãezinha», após o falecimento da Senhora Martin (cf. p. 44-45).

eternamente devo repetir: «As Misericórdias do Senhor!!!»²...

Antes de pegar na pena, ajoelhei-me diante da estátua de Maria³ (aquela que tantas provas nos deu das maternais preferências da Rainha do Céu pela nossa família), supliquei-Lhe que guiasse a minha mão para que não trace uma única linha que Lhe não seja agradável. Abrindo a seguir o Santo Evangelho, os meus olhos caíram sobre estas palavras: «Tendo Jesus subido a um monte, chamou a Si aqueles que *Lhe aprouve*; e vieram para Ele» (Mc 3, 13)⁴.

² Cf. Sl 88, 1. A edição da Bíblia consultada por Teresa é a *Vulgata*, na tradução do Padre J. B. Glaire (1873), edição contemporânea da Santa. Nesta edição de *História de uma Alma*, atualizámos apenas o modo de citar (abreviaturas e números árabes), para o tornar mais familiar ao leitor. Quanto aos textos, na medida do possível fomos fiéis ao modo como a autora os cita (*N. T.*).

³ Trata-se da «Virgem do Sorriso», que hoje se encontra por cima do relicário da Santa, na capela do Carmelo de Lisieux. Oferecida ao Sr. Martin antes do casamento, esta estátua seguiu a família nas suas deslocações, até chegar ao Carmelo, aquando da entrada de Celina.

⁴ Teresa parece ter tirado a maior parte das citações relativas aos *Salmos* e ao *Novo Testamento* do *Manual do Cristão* que estava a seu uso (Tours Alfred Mame et fils. MDCCCLXIV, sem nome do tradutor). Contudo, é certo que encontrou em diversas fontes os textos a que se refere. Nem temeu, além disso, dar-lhes por vezes um contorno pessoal.

Eis todo o mistério da minha vocação, da minha vida inteira e sobretudo o mistério dos privilégios de Jesus para com a minha alma... Não chama aqueles que são dignos, mas aqueles que Lhe *apraz* ou como diz S. Paulo: «Deus tem piedade de quem Ele quer e faz misericórdia a quem Ele quer fazer misericórdia. Não é portanto obra do que quer nem do que corre, mas de Deus que faz misericórdia» (*Rom* 9, 15-16).

Durante muito tempo me perguntei porque é que Deus tinha preferências, porque é que nem

Apontemos dois pequenos cadernos manuscritos que a Santa utilizou especialmente. Os textos que contêm, copiados por sua irmã Celina e pela prima, Irmã Maria da Eucaristia, foram tirados da tradução de Bourrassé et Janvier (Mame, 1874) e sobretudo da de Le Maistre de Saci (Furne et Cie, 1864). Neles se encontram principalmente extratos dos *Provérbios*, dos *Profetas* (sobretudo Isaías: 50 e 53-54) e do *Apocalipse*.

Teresa serviu-se igualmente da tradução do Padre J.-B. Glaire (A. Jouby et Roger, 1873), conservada na biblioteca do Carmelo. Além disso, algumas obras de espiritualidade de que dispunha para seu uso pessoal ofereciam-lhe abundantes citações da Escritura. Mencionemos a *Imitação de Jesus Cristo* (tradução do Padre F. de Lamennais, Mame, 1873) e *O Cântico Espiritual* e a *Chama Viva de Amor* (São João da Cruz, Douniol et Cie, 1875).

Pode-se encontrar na edição *fac-símile* dos *Manuscrits Autobiographiques*, a descrição mais completa das fontes escriturísticas de Santa Teresa do Menino Jesus (tomo I, pp. 37-38; tomo II, p. 5).

todas as almas recebiam igual medida de graças, admirava-me ao vê-Lo prodigalizar favores extraordinários aos Santos que O tinham ofendido, como São Paulo, Santo Agostinho, e que Ele forçava por assim dizer a receber as suas graças; ou então, ao ler a vida dos Santos que Nosso Senhor se comprazia em acarinhar desde o berço à sepultura, sem permitir no seu caminho qualquer obstáculo que os impedisse de se elevarem para Ele e prevenindo essas almas com favores tais que não podiam manchar o brilho imaculado da sua veste batismal, perguntava-me porque é que os pobres selvagens, por exemplo, morriam em tão grande quantidade sem sequer terem ouvido pronunciar o nome de Deus... Jesus dignou-Se instruir-me acerca deste mistério. Colocou diante dos meus olhos o livro da natureza e compreendi que todas as flores que Ele criou são belas, que o esplendor da rosa e a brancura do lírio não ofuscam o perfume da violetazinha ou a simplicidade encantadora da margarida... Compreendi que se todas as florzinhas quisessem ser rosas, a natureza perdia o seu ornato primaveril, os campos deixariam de estar salpicados de pequeninas flores...

Assim acontece também no mundo das almas que é o jardim de Jesus. Quis criar os grandes santos que podem ser comparados aos lírios e às rosas; mas criou também outros mais pequenos, e estes devem contentar-se com ser margaridas ou violetas, destinadas a deleitar os olhares de Deus

quando as curva aos seus pés. A perfeição consiste em fazer a sua vontade, em ser o que Ele quer que nós sejamos...

Compreendi ainda que o amor de Nosso Senhor se revela tanto na alma mais simples que em nada resiste à sua graça como na alma mais sublime; sendo de facto próprio do amor o abaixar-se, se todas as almas fossem como as dos Santos doutores que iluminaram a Igreja com o brilho da sua doutrina, parece que Deus não desceria muito baixo vindo até ao seu coração; mas criou o menino que não sabe nada nem faz ouvir senão frágeis vagidos, criou o pobre selvagem que não tem para se guiar mais do que a lei da natureza e é até aos seus corações que Ele se digna baixar, são essas as suas flores campestres cuja simplicidade O encanta... Ao descer assim, Deus mostra a sua grandeza infinita. Assim como o sol ilumina ao mesmo tempo os cedros e cada florzinha como se ela fosse única sobre a face da terra, assim Nosso Senhor se ocupa tão particularmente de cada alma como se não houvesse outras semelhantes; e assim como na natureza todas as estações estão ordenadas de maneira a fazerem desabrochar no dia marcado a mais humilde margarida, assim tudo corresponde ao bem de cada alma.

Sem dúvida, minha querida Madre, vos perguntais admirada aonde é que eu quero chegar, pois até agora nada disse ainda que se pareça com a história da minha vida, mas pedistes-me

que escrevesse sem preocupação o que me viesse ao *pensamento*; não é, portanto, a minha vida propriamente dita que vou escrever, são os meus *pensamentos* acerca das graças que Deus se dignou conceder-me. Encontro-me numa época da minha existência em que posso lançar uma vista de olhos sobre o passado; a minha alma amadureceu no cadinho das provas exteriores e interiores⁵; agora, como a flor fortificada pela tempestade, volto a levantar a cabeça e vejo que em mim se realizaram as palavras do Salmo 22. (O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará. Faz-me repousar em pastos agradáveis e férteis. Conduz-me com doçura ao longo das águas. Conduz a minha alma sem a fatigar... E mesmo quando eu descer ao vale da sombra da morte, não temerei nenhum mal, porque Vós estareis comigo, Senhor!...) ⁶. Sempre o Senhor foi para comigo cheio de compaixão e doçura... Demorado em punir e abundante em misericórdias!... (*Sl* 102, 8). Por isso, minha Madre, é com alegria que venho cantar junto de vós as misericórdias do Senhor... É para *vós só* que vou escrever a história da *florzinha* colhida por Jesus,

⁵ Teresa escreve estas linhas em janeiro de 1895, ao fim de sete anos de vida religiosa, depois da morte do Sr. Martin (29 de julho de 1894) e de todas as provas que acompanharam a sua doença. Alude também às dificuldades de todo o género encontradas desde a entrada para o Carmelo (sofrimentos físicos e morais, aridez espiritual).

⁶ *Sl* 22, 1-4.

portanto, posso falar com abandono, sem me preocupar nem com o estilo nem com as numerosas digressões que vou fazer. O coração de mãe compreende sempre o seu filho, mesmo que não saiba senão balbuciar, por isso estou certa de ser compreendida e adivinhada por vós que formastes o meu coração e o oferecestes a Jesus!...

Parece-me que se uma florzinha pudesse falar, diria simplesmente o que Deus fez por ela, sem querer ocultar os seus benefícios. Sob pretexto de falsa humildade não diria que é desairosa e sem perfume, que o sol lhe roubou o esplendor e que as ventanias lhe quebraram a haste, quando reconhecia em si mesma exatamente o contrário. A flor que vai contar a sua história alegra-se de poder publicar as delicadezas absolutamente gratuitas de Jesus, reconhece que nada nela era capaz de atrair os seus olhares divinos e que somente a sua misericórdia realizou tudo o que nela há de bom... Foi Ele quem a fez nascer numa terra santa e como que toda impregnada dum *perfume virginal*. Foi Ele quem a fez preceder por oito Lírios de esplendorosa brancura. No seu amor, quis preservar a sua florzinha do sopro envenenado do mundo; mal a corola se lhe começava a entreabrir, logo o divino Salvador a transplantou para a montanha do Carmelo⁷, onde os dois Lírios

⁷ Teresa tinha 15 anos e três meses quando entrou para o Carmelo.

que a haviam cercado e docemente embalado na primavera de sua vida espalhavam já suave perfume... Sete anos passaram depois que a florzinha tomou raízes no jardim do Esposo das virgens e agora *três* Lírios baloiçam junto dela as odorantes corolas; pouco mais longe, um outro Lírio desabrocha sob os olhares de Jesus e as duas hastes abençoadas que deram origem a estas flores estão agora reunidas para sempre na Pátria Celeste... Lá foram encontrar os quatro Lírios que a terra não viu crescer... Oh!, que Jesus se digne não deixar ainda por muito tempo nesta praia estranha as flores ainda em exílio; que em breve o ramo de Lírio se complete no Céu⁸!

⁸ Sob esta linguagem alegórica, Teresa evoca toda a sua família. Os «oito lírios» que a precederam são os seus irmãos e irmãs:

Maria Luísa, nascida a 22 de fevereiro de 1860, Irmã Maria do Sagrado Coração, † 19 de janeiro de 1940; *Maria Paulina*, nascida a 7 de setembro de 1861, Rev. Madre Inês de Jesus, † 28 de julho de 1951; *Maria Leónia*, nascida a 3 de junho de 1863, Irmã Francisca Teresa, † 16 de junho de 1941; *Maria Helena*, nascida a 13 de outubro de 1864, † 22 de fevereiro de 1870; *José Luís*, nascido a 20 de setembro de 1866, † 14 de fevereiro de 1867; *José João Batista*, nascido a 19 de dezembro de 1867, † 24 de agosto de 1868; *Maria Celina*, nascida a 28 de abril de 1869, Irmã Genoveva da Santa Face e de Santa Teresa, † 25 de fevereiro de 1959; *Maria Melânia Teresa*, nascida a 16 de agosto de 1870, † 8 de outubro de 1870. Ela, «a florzinha», *Maria Francisca Teresa Martin*, nasceu a 2 de janeiro de 1873, às onze e meia

Acabo de resumir em poucas palavras, minha Madre, o que Deus fez por mim, agora vou entrar mais em pormenor na minha vida de infância; sei que onde outrem não veria mais que uma narração fastidiosa, o vosso *coração maternal* achará encantos...

Além disso, as recordações que vou evocar são também as vossas, pois foi ao vosso lado que decorreu a minha infância e tenho a felicidade de pertencer aos pais sem igual⁹ que nos cercaram

da noite, em Alençon, Rua Saint-Blaise, e foi batizada a 4 de janeiro na Igreja de Nossa Senhora.

No momento em que a Santa escreve, «três Lírios» se encontram a seu lado no Carmelo: Maria, Paulina e Celina; outro desabrocha um pouco mais longe, na Visitação de Caen: Leónia. Pelas «duas hastes agora reunidas para sempre» Teresa designa os pais: a Senhora Martin, falecida a 28 de agosto de 1877, e o Sr. Martin, falecido a 29 de julho de 1894.

⁹ Luís Martin e Zélia Guérin tinham-se unido pelos laços do matrimónio a 13 de julho de 1858.

Filho do capitão Pedro Francisco Martin, Luís José Aloísio Estanislau nascera em Bordéus, a 22 de agosto de 1823, terceiro filho de uma família de cinco. Após esmerada educação, recebida em Alençon, onde seu pai se reformara, Luís aprendeu o ofício de relojoeiro. Estabeleceu-se definitivamente em Alençon, Rua do Pont-Neuf, em 1850, depois de ter renunciado, por motivo de saúde, à vida monástica que durante algum tempo ambicionara.

Zélia Maria Guérin, nascida a 23 de dezembro de 1831, em Saint-Denys-sur-Sarthon, pertencia também a uma família de oficiais. Em 1844, os esposos Guérin vieram com os três filhos habitar Alençon. Mais tarde, impedida de rea-

dos mesmos cuidados e das mesmas ternuras. Oh!, dignem-se eles abençoar a sua filha mais pequenina e ajudá-la a cantar as misericórdias divinas¹⁰!...

lizar os seus desejos de vida religiosa e colocada perante a necessidade de ganhar a vida, Zélia Maria aperfeiçoou-se na técnica do ponto de Alençon (rendas) e instalou-se por sua conta na Rua Saint-Blaise, 36 (atualmente 42). Após o casamento, estabeleceu-se na Rua do Pont-Neuf. Em 1871, o Sr. Martin cedeu a relojoaria para desenvolver a empresa de rendas, que foi de novo transferida para a Rua Saint-Blaise. A família Martin veio habitar esta mesma casa, onde Teresa devia nascer dois anos mais tarde.

¹⁰ Este último parágrafo tinha sido raspado no manuscrito. O texto foi reconstituído sobre dados certos pela Irmã Maria do Sagrado Coração, em abril de 1910.

ÍNDICE

<i>Introdução</i>	5
-------------------------	---

MANUSCRITO DEDICADO À MADRE INÊS DE JESUS (Manuscrito «A»)

Prólogo	15
----------------------	----

Capítulo I

Alençon (1873 – 1877)	25
------------------------------------	----

*Rodeada de um clima de amor – Viagem a
Le Mans – O seu caráter – Celina e Teresa
inseparáveis – Escolho tudo – Em uníssono
com a natureza – Morte da mãe*

Capítulo II

Nos Buissonnets (1877 – 1881)	51
--	----

*Mudança da família para Lisieux –
Delicadezas do Papá – Vida calma nos
Buissonnets – Festas e Domingos em família
– Visão misteriosa – O mar*

Capítulo III

Anos dolorosos (1881 – 1883)	77
---	----

Aluna na Abadia – Intimidade com Celina

– *Paulina no Carmelo – Estranha doença*
 – *Sorriso encantador de Nossa Senhora – Cura milagrosa*

Capítulo IV

Estudo e vida espiritual (1883 – 1886) 103

Atração pela leitura – Viagem a Alençon
 – *Primeira Comunhão – Confirmação – Vida no Colégio – Doença dos escrúpulos – Filha de Maria – Novas separações*

Capítulo V

Adolescência e graça de Natal (1886 – 1887) 143

Noite ditosa – Graça de Natal – Pranzini, o seu primeiro filho espiritual – Grandes desejos de saber – Leituras espirituais – Colóquios com Celina – Desejo de entrar no Carmelo aos 15 anos – Consentimento do pai – Obstáculos por parte do tio Guérin e do superior do Carmelo – Viagem a Bayeux – Frustrada a tentativa junto do bispo

Capítulo VI

Viagem a Roma (1887) 181

Peregrinação a Roma com o pai e Celina – Nossa Senhora das Vitórias em Paris – Através da Suíça – Milão, Veneza, Pádua e Bolonha – Santa Casa de Loreto – Chegada a Roma e principais visitas – Aos pés do Santo Padre – Pompeia e Nápoles – Regresso: Assis, Florença e Génova – Carta ao bispo diocesano – Três meses de espera

Capítulo VII

Postulante e noviça no Carmelo (1888 – 1890) 223

*Sacrifício da separação – Paz profunda –
Primeiras provas – A Santa Face – Tomada
de hábito – Sofrimento pela doença do pai –
Prática da pobreza e das «pequenas» virtudes*

Capítulo VIII

**Desde a profissão até ao oferecimento ao Amor
misericordioso (1890 – 1895) 247**

*A minha Profissão – Tomada de véu – Madre
Genoveva de Santa Teresa – Epidemia de
gripe – Retiro do P. Aleixo Prou – Caminho
da confiança e do amor – Priorado da Madre
Inês – Morte do Papá – Entrada de Celina
no Carmelo – Na escola de S. João da Cruz –
Vítima do amor misericordioso*

Brasão e fotocópia 277

CARTA

**À IRMÃ MARIA DO SAGRADO CORAÇÃO
(Manuscrito «B»)**

Capítulo IX

A minha vocação é o Amor (1896 – ...) 283

*Os segredos divinos – Visão da Madre Ana
de Jesus – O amor encerra todas as vocações
– Lançar flores – Débil passarinho – A Águia
divina – Fim do Manuscrito B*

**MANUSCRITO DIRIGIDO
À MADRE MARIA DE GONZAGA
(Manuscrito «C»)**

Capítulo X

A grande provação interior – A noite escura da fé (1896 – 1897)	309
<i>Teresa e a Madre Maria de Gonzaga – O ascensor divino – Missão junto das noviças – Primeira hemoptise – Sentada à mesa dos pecadores – Vocação de missionária – Em que consiste a caridade</i>	

Capítulo XI

Aqueles que me deste (1896 – 1897)	351
<i>Devo continuar por obediência – Pedagogia a seguir com as noviças – O pincel e o artista – Firmeza com doçura – Poder da oração e do sacrifício – Irmã São Pedro – Dois irmãos sacerdotes – A Carmelita abraça o mundo – Amor e confiança ilimitada em Deus – Fim do Manuscrito C</i>	

APÊNDICES

Bilhete que a Irmã Teresa do Menino Jesus trazia sobre o coração no dia da profissão.....	397
Ato de oferecimento ao Amor misericordioso	399

História da pecadora convertida que morreu de amor	403
Poesias	407
<i>Oração da filha de um santo</i>	<i>407</i>
<i>Os meus amores... ..</i>	<i>412</i>
<i>À Santa Face</i>	<i>424</i>
<i>A rosa desfolhada</i>	<i>426</i>
O calvário – O voo para o Céu	429
Nota crítica	477
Genealogia de Santa Teresa do Menino Jesus	485
Cronologia	489
<i>Índice.....</i>	<i>499</i>